



$a+b+c$

CADERNO DE EXERCÍCIOS



POR MICHELLE PAULISTA

Apresentação Manoel Onofre Jr.



Apresentação Manoel Onofre Jr.	Pg. 02
Antes de começar... - A autora	Pg. 03
CRÔNICAS	Pg. 04
SESSENTA E POUCOS MINUTOS	Pg. 04
POR PARTE DE MARIA DO ROSÁRIO	Pg. 05
SOBRE VOOS E POUSOS	Pg. 06
A FORMIGA E O POETA	Pg. 07
A REVISÃO TEXTUAL – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	Pg. 08
A POESIA LATENTE DE UM QUIOSQUE NO MERCADO	Pg. 09
KUKUKAYA: PRECISAMOS!	Pg. 10
HUMBERTO HERMENEGILDO PARA SEMPRE!	Pg. 11
SOBRE SOMBRINHAS...	Pg. 12
CRÔNICA DOMINICAL SEM NENHUMA GRAÇA	Pg. 13
DE GRATIDÃO OU SOBRE MANOEL ONOFRE JR.	Pg. 14
PROFESSOR DE PORTUGUÊS NÃO É DICIONÁRIO!	Pg. 15
POEMAS	Pg. 16
DE LUZES E VERSOS	Pg. 16
MATÉRIA	Pg. 16
ESSÊNCIA	Pg. 17
SAUDADE DO NADATUDO	Pg. 18
PEQUENA NARRATIVA NOTURNA Para Daniel	Pg. 19
VERSOS CONTROVERSOS	Pg. 19
DEScrescendo	Pg. 19
ESPUMA AMARGA	Pg. 20
OBVIEDADE	Pg. 20
A POESIA QUE NÃO É	Pg. 20
AGONIA OU DA NOTÍCIA OU HISTÓRIA DE 07/12	Pg. 20
PROPAGANDA ENGANOSA	Pg. 21
SONETO FAKE (OU A TINTA DA GALHOFA, EMPRESTADA DE MACHADO) –	Pg. 21
ENGANOS MÚTUOS	Pg. 21
DESCOBERTA	Pg. 21
BRINQUEDO	Pg. 21
OPTATIVAS	Pg. 22
MEIA NA JANELA ou DESEJO DE UMA NATAL TÍPICO	Pg. 22
DOZE	Pg. 22
ARTIGOS	Pg. 23
A MÚSICA LINDA DE PEDRINHO MENDES - Michelle Paulista	Pg. 23
VERÍSSIMO DE MELO, UM MISSIVISTA	Pg. 25
AS CARTAS DE OSWALDO LAMARTINE	Pg. 27
O CASO DA ONÇA QUE DEU LITERATURA	Pg. 28
A onça	Pg. 29
ENTRE LANTERNAS E LIVROS	Pg. 30
Da Salinésia para o Olimpo	Pg. 30
Orally profissional	Pg. 32
DE SALINAS E POESIA: UMA LEITURA DE “O NAVEGADOR E O SEXTANTE”,	
DE GILBERTO AVELINO	Pg. 33
CANTO PARA MACAU	Pg. 35



Tive o privilégio de ler, em primeira mão, o livro com que a Profa. Michelle Paulista estreia na seara das letras. Sob o título “Caderno de Exercícios”, o volume enfeixa crônicas, poemas e artigos da lavra da autora, alguns já publicados em revistas e jornais de Natal. Trata-se, pois, de uma coletânea temática e formalmente diversificada, na qual a mistura de gêneros literários surge de maneira deliberada, intencional, como bem explica a própria autora.

Doze crônicas compõem a primeira parte da obra, despertando, desde logo, bastante interesse. Talvez seja nesta modalidade de prosa leve e breve que a autora alcança os melhores momentos. Desenvolta, em tom de conversa, com acentuado domínio da escrita, narra episódios cotidianos e esboça, em ligeiros traços, perfis de algumas figuras do seu convívio.

Quanto aos poemas, que constituem a segunda parte do livro, devo confessar que me falta discernimento para julgá-los. Tenho dito e repetido que uma das falhas da minha formação intelectual é o pouco ou nenhum convívio com as musas... Basta ressaltar que, em minha biblioteca, com cerca de três mil volumes, apenas uns duzentos são livros de poemas. Mea culpa, mea maxima culpa... Resta-me, porém, o consolo de cultivar a Poesia entranhada na Prosa.

Desculpe-me, Profa. Michelle; outros, com certeza, saberão apreciar os seus poemas e analisá-los em profundidade. No entanto, atrevo-me a dizer que se trata de poemas reflexivos e plenos de sentimento.

Os artigos – terceira parte do livro em foco – abordam diversos assuntos: observações sobre música popular, literatura, epistolografia e aspectos biográficos, em destaque o escritor e folclorista Veríssimo de Melo. A linguagem clara e objetiva, e o estilo no mesmo molde, fazem com que o leitor fique preso à leitura, do começo ao fim. E, quando termina de ler, sente “um gosto de venha mais”.

Com este livro, Michelle Paulista prenuncia-se escritora, na verdadeira acepção da palavra, revelando notável potencial literário. Seus textos aqui reunidos, são como que os hors d'oeuvre, do banquete literário que, certamente, há de vir.

Manoel Onofre Jr.

Antes de começar...

Os textos que ora apresento são isso mesmo que o título sugere: exercícios de escrita. Não me elejo escritora, tampouco poeta, cronista. Sou, antes de qualquer coisa, professora e, como tal, a atividade docente me proporcionou muitas “correções” de cadernos de exercícios.

A cada tarefa solicitada, percebia que meus alunos aprimoravam suas práticas de escrita e leitura à medida que as exercitavam...

Nesse sentido, fui nutrindo a esperança de que, a partir do fazer da escrita, pudesse ficar cada vez mais íntima das palavras...

Gosto de uma fala de Bartolomeu Campos de Queirós quando ele diz: A palavra não me esgota; na verdade, a palavra nunca é capaz de dizer tudo aquilo que a gente sente. Assim também Drummond usa a luta com palavras como metáfora para a vida de quem lida com as letras; uma batalha, com todos os clichês a que se tem direito.

Caderno de exercícios é um pouco e um muito de tudo: mar, dor, alegria, alumbramento, sal, pássaros, sombrinhas, cães, lanternas, livros e outros tantos substantivos, concretos e abstratos.

A autora

CRÔNICAS

SESSENTA E POUCOS MINUTOS

Era mesmo de se estranhar. Não era comum aquele ser, contrariamente à sua natureza, em atitude inerte. Como não me interessar por aquela vidinha tão fixamente instalada em um território no qual só costuma frequentar como visitante?

Cheguei perto e, inusitadamente, ela não ofereceu resistência alguma, tampouco fez menção de levantar voo.

- Que foi, meu amorzinho? Você está tão quietinha... que foi, hein?

Peguei-a na mão e pude experimentar um prazer infantil de ter um bichinho daqueles na palma da mão, coisa que jamais experimentara nas terras salgadas da minha infância. Subi as escadas com cuidado, coloquei-a num cantinho da sala. Com um senso de humor que considerei negro, ouvi:

- É uma rolinha! Isso assada é bom demais!

- Que horror! Vou leva-la a um hospital de bichos.

Terminado o banho (eu teria aula logo mais), acomodei-a numa ambulância improvisada – uma caixa de sapatos – e levei-a ao pronto-socorro de bichos. Pedia a Deus que tivesse misericórdia dela, tal como intercedo por pessoas. Já me achava responsável por aquela vidinha – digo pelo tamanho e não pela importância que despertara em mim. No trajeto, ela se debatia, soltava penas e girava na caixa-maca. Chegando ao hospital, debateu-se de maneira particularmente intensa, como se fosse uma bailarina que julgava ser aquela a sua última apresentação. Recusei-me a enxergar o óbvio e me encaminhei à recepção, mesmo sabendo já ser tarde. Ela parecia ter-se recusado a ser atendida e antecipou-se, pondo fim à agonia – mais minha que dela. Resolveu terminar no exato momento em que chegávamos no lugar que poderia ser seu socorro.

Chorei. A voz embargou. O que fazer com aquele corpo miúdo, agora inanimado? Deixar num cesto de lixo para ser comido por algum cachorro ou outro bicho? Olhei em volta e no calor das 14h, que acentuava o mal-estar, vi uma calçada cheia de flores, com lindas roseiras. Depositei ali a caixa, que de ambulância tornou-se ataúde, como quem participa de um velório de um ente muito querido.

Entrei no carro com a garganta apertada. Tinha um compromisso, enfim, e estava deveras atrasada. Que diria? Perdão, professora, me atrasei porque precisei levar uma rolinha moribunda ao hospital veterinário. A sensação de impotência me assaltava. Não conseguira socorrê-la a tempo. Talvez se não tivesse me demorado tanto na arrumação...

Mas precisava ir. Ao menos o jazigo era uma calçada fresca, entre flores, na sombra.

Resolvi que o melhor seria esquecer aquele acontecimento – como se fosse possível. Mas quando olho para o banco do carona, ela estava lá, na presença de uma pena que me deixou de presente, adorno usado naquela última apresentação.

POR PARTE DE MARIA DO ROSÁRIO

Naquele tempo, a família Bezerra era do tipo “mais ou menos”. Explico: essa característica referia-se a quem tivesse “status”, considerados abastados na cidade. Maria do Rosário Bezerra – mais tarde Guerra, porque casada com Cláudio Guerra – desde sempre me encantou. Chamei-a muito de tia Rosário (só pra mim). Desde sempre porque não me lembro da primeira vez que a vi. Sei tão somente que era uma menina veia, sambuda, de poucas posses e que adorava ler. Todas as vezes que ia à casa de Rosário, me sentia uma celebridade, dessas que são recebidas em palácios de governo ou em gabinetes de chefe de estado, embora nem de longe soubesse o que eram essas coisas. Ela me recebia com tanta atenção! Professora universitária, mulher tão intelectual, solicitada e dando cartaz a uma menina que vivia a pedir-lhe livros emprestados.

Quis, muitas vezes, ser como ela, ter suas leituras e sua beleza atrevidamente simples. Sem maquiagens (cosméticas ou metafóricas). É minha madrinha. Mais que tia.

Anos depois, lendo Bartolomeu Campos Queirós e seu Por parte de pai, não tenho dúvida: Rosário é minha Joaquim Queirós. E eu a amo. Tanto que não encontro nem um arranjo estilístico para descrever esse bem querer.

SOBRE VOOS E POUSOS

Os passarinhos me visitam. Na verdade, me seguem. Não, não é psicose pós-moderna.

É uma perseguição, quase uma fidelidade, posto que descubrem onde estou morando e ainda que mude de endereço, vêm me visitar...

Uma rolinha, certa feita, me fecundou de uma crônica. Coisa linda, com velório em jardim, choro sincero e texto publicado. E não é que agora um pardalzinho se escondeu atrás de um eletrodoméstico, a fugir da cadela da família, filha caçula mimada?

Aprendia a voar. Peguei-o nas mãos, afaguei-o, tentei alimentá-lo: não queria. Voar, queria. Pus-lhe a salvo do alçófolo canino, soltando-o no jardim externo.

Dia seguinte, lá estava de novo em minha casa e lembro agora que há dois dias escondera-se num quarto de despejo, tendo eu aberto a janela para o seu treino de voo. Tinha a teimosia nobre da juventude, mesmo a juventude dos passarinhos, que decerto deve ser mais bonita que juventude de gente.

Prontamente corri atrás de uma gaiola para hospedá-lo até que ficasse fortinho e pronto para ganhar os quintais. Foi aí que se chateou, voou e não veio mais. A amizade estremeceu. Acho até que deve ter falado mal de mim para os outros amiguinhos: não me apareceram mais...

Sabe, pardalzinho? deveria aprender com você. Estranhamente, eu volto a frequentar aqueles e aqueles que tentam me engaiolar. Prometo me esforçar, em nome da nossa amizade. Volte a me visitar... Sem gaiolas, dessa vez, de lado a lado.

A FORMIGA E O POETA

A data exata, não lembro. Sei que era uma manhã junina. Dias antes, num misto de ousadia e coragem – não são, absolutamente, a mesma coisa – liguei para o escritório do Dr. Diógenes da Cunha Lima, cujas apresentações são desnecessárias. Já supunha as respostas prováveis: “quem gostaria”?, “é sobre o quê?”, “Michelle, de onde?” Mas enquanto imaginava negativas, eis que ouço uma voz grave do outro lado: pois não, Michelle?

Como assim? Me chamou pelo nome! A secretária deve ter avisado que uma certa pesquisadora desejava falar-lhe e ele... atendeu! Existe, acaso, algo mais gentil que dirigir-se a alguém chamando-lhe o nome?

Volto à manhã de junho. Estou na sala do Dr. Professor poeta; frente a frente, estamos. Falo coisas sem ordem; desobedeço ao “script” ensaiado na véspera: tento, sem sucesso, dizer que busco cartas entre poetas potiguaras para um projeto acadêmico de pesquisa. Embora leitora de muitos poetas e já tendo estado com alguns, devo confessar que a presença de Diógenes me desconcertou. Não sei se me pus nervosa, alegre, comovida. Diante de mim, um homem tão sensível, erudito, tão bem sucedido nas letras e na profissão, mas de tamanha generosidade e solicitude. Um homem tão... poeta!

Ainda que eu mobilizasse todas as construções estilísticas que pudesse – ou as tomasse de empréstimo de algum poeta dos bons – custar-me-ia descrever os instantes em que estivemos versando sobre poetas, poesia, vida, amor, Deus. Os olhos marejaram, não nego. Saí daquela sala com alma, corpo, roupa, adornos impregnados de poesia e vida, assim como fumaça de fogueira junina gruda seu odor em todas as coisas.

Obrigada, Diógenes da Cunha Lima, por me fazer vivenciar tão belo instante poético.

Com incomensuráveis admiração e gratidão.

Michelle.

A REVISÃO TEXTUAL – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Dizem que todo professor de matemática detesta que lhe mandem fazer contas de cabeça. Decerto. Pois tão chato quanto fazer um licenciado em Matemática de calculadora é tratar um graduado em Letras como dicionário ou corretor ortográfico.

Lembro-me de um aluno que vivia a me perguntar diariamente – não sei se para me testar – o significado das mais variadas e desconhecidas palavras. Quando eu estava de bom humor, até respondia. Mas um dia ocorreu que sugeri ao discente que fosse, ele próprio, em busca dos sentidos das palavras. O argumento era de que, além das conotações possíveis, ficasse a par da classificação morfológica, da tonicidade da palavra etc... Funcionou, não me interpelou mais.

Trago esse caso curioso para que reflitamos sobre o papel do profissional de Letras. Não é um poeta, necessariamente, embora se espera que seja alguém que aprecie o texto literário e seja leitor... Digo, com propriedade, que não somos corretores ambulantes, caçadores de “erros”. É uma pena que muitos profissionais a isso se resumam.

O licenciado em Letras é alguém que estuda as questões linguísticas, que investiga a dimensão filosófica, estética e artística que a Literatura tem (não obstante o seu papel humanizador). O profissional das Letras vê um texto como um tecido, um entrelaçamento de ideias e não um amontoado de palavras; a nós interessa muito mais o propósito comunicativo, a progressão textual, o encadeamento lógico das ideias. E nos textos literários, a arte da palavra, o que há de literário onde, aparentemente, a denotação é a única leitura possível.

Trago essa problemática porque, não raro, recebo propostas para “corrigir” textos, como se a grafia das palavras fosse a coisa mais importante num processo comunicativo de linguagem verbal escrita. Revisar um texto é observar a construção dos períodos, as conexões semânticas, a adequação da linguagem e, sobretudo, o que se quer “dizer”.

Por mais que alguém ache que escreve bem, garantir a clareza do texto não é algo óbvio. Revisá-lo passa pela observação do registro escrito (ortografia), as conexões (relações coesivas) e, principalmente, a coerência, objetivo maior de qualquer texto oral ou escrito.

Contem conosco para sermos revisores textuais, para ajudarmos a melhorar a comunicação do seu texto. Afinal, caçar “erros ortográficos” o Word faz e o corretor dos aplicativos mensageiros idem.

A POESIA LATENTE DE UM QUIOSQUE NO MERCADO

Dizem que o poeta é a antena da raça. Se literatura é arte, sou artista da palavra e dela vivo e me alimento. Muitos artistas dizem se alimentar dos seus sonhos, de projeções futuras, do modo de enxergar o mundo...

Longe dos salões nobres e do (necessário e confortável) ambiente acadêmico, a matéria prima das minhas letras é o ambiente fértil das ruas, das “bodegas” do bairro, do ponto de frango assado, da fila do supermercado, da conversa com o garçom que me serve, da barraca da praia onde frequento... O quiosque de S. Tião e D. Rose é um desses locais.

Conhecemos o local nas nossas andanças, meu esposo e eu. Em busca de fugirmos dos ambientes herméticos, saímos muitas vezes à procura de respiro e frescor nas ruas, botecos, mercadinhos... Foi assim que nos deparamos com o “local” encravado no Mercado velho de Parnamirim.

No quiosque de S. Tião e D. Rose é preciso ter paciência para ser atendido: os bancos compridos de madeira não dão conta dos muitos clientes que se avolumam à espera de café da manhã, antes de ir trabalhar. S. Tião, com a serenidade de quem comanda a orquestra há anos, vai dizendo: “pera aí, o seu é o quê?, quer leite por cima?, tá bom assim?” e vai atendendo os clientes conforme ordem de chegada... os demais? Ora, os demais esperam, claro. Do contrário, terão que ir embora sem degustar as delícias do local.

É lá no quiosque de S. Tião e D. Rose que se servem o melhor cuscuz com leite das paragens: disposto em um prato, enorme, inteiro e firme, o cuscuz parece um poema modernista. Até gosto de milho tem – qualidade pouco encontrada nos cuscuzes por aí fora. Outra diva é a tapioca molhada: gostosa, macia, sem o empelotado das concorrentes de outros estabelecimentos. É lá também que se degusta a melhor vitamina de abacate (onde mais se encontra uma vitamina geladíssima?) e um café com leite que fumaça e desenha beleza no ar.

D. Rose é a fiel escudeira. De poucas palavras, me presenteou com sua amizade: vez em quando vem até o balcão conversar conosco. Geralmente, exaltamos o ABC e tiramos “onda” com o América de S. Tião que, risonho, deixa a seriedade de lado e cai na graça do curto e gostoso papo.

Talvez o diferencial do quiosque de S. Tião e D. Rose não seja a limpeza impecável do local. Lá é tudo muito limpo, asseado. Nem mesmo os preços justos são o diferencial também. Para mim, o que distingue o local é a multiplicidade de frequentadores: donos de loja, comerciários, policiais militares, flanelinhas, donas de casa, pedintes, servidores públicos. O que me encanta os olhos lá é a poesia latente que emana do espaço. Dela, a poesia das ruas, do povo, me alimento e sustento as minhas modestas letras.

Como dizia Manuel Bandeira: “A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros. Vinha da boca do povo, na língua errada do povo, língua certa do povo. Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil, ao passo que nós o que fazemos é macaquear a sintaxe lusíada”.

KUKUKAYA: PRECISAMOS!

Embora vivamos em terreno fértil de artistas e produção literária, falta “paú” às vezes para que nossas artes floresçam.

Talvez tenha sido essa a inspiração para a revista Kukukaya, um dos mais importantes lugares de divulgação da arte, cultura, literatura e poesia potiguares. Conversando com meu amigo Alfredo Neves, ele me contava um pouco da etimologia do termo: palavra de origem cigana que remete a algo que nasce entre dificuldades, regado a suor e lágrimas.

Creio que é bem assim mesmo: quando tivemos alguma facilidade para tratar de literatura? Literatura não vende, não enriquece, no Brasil é difícil viver de arte em geral, quiçá de literatura... Não dá votos, nem audiência... No máximo, uma condecoração ali e acolá...

A revista mescla poesia potiguar e nacional, artigos acadêmicos e sobre o cotidiano, crônicas, política, entrevistas. É hoje um importante refúgio para nós, quixotes das Letras, num mundo cada vez mais mecanizado, coisado, “empreendedorado”, “proativado” e tantos ados, igualmente discutíveis.

Diria que a revista traz a grife de Alfredo Neves, amigo, artista plástico, poeta e outros predicativos. Thiago Gonzaga, amigo e pesquisador da literatura potiguar (um dos melhores). Para arrematar, Manoel Onofre Jr., sem apresentações, pois sua figura e nomes assim dispensam.

É bom saber que suor e lágrimas, líquidos que são, resultaram na virtual concretude da Kukukaya, necessária, literária e artística.

HUMBERTO HERMENEGILDO PARA SEMPRE!

De todas as coisas boas que a Literatura me trouxe, destaco uma, em especial. Para além da humanização tão necessária num mundo tão hermético e lasso, ao mesmo tempo, digo que lucrei das Letras o convívio com figuras humanas ímpares. Poderia enumerar muitas, mas hoje quero falar do Professor Humberto.

Tenho a honra de ser sua orientanda – peguei “fim de rama”, como se diz em Macau – fui aceita na última vez que o professor ofertou vagas. Foi pra mim motivo de imensa alegria carregar o status de orientanda dele.

O professor Humberto dispensa apresentações: basta jogar seu nome no Google para se ter acesso à vastíssima produção acadêmica e literária. Entretanto, ao nos achegarmos a ele, encontramos um homem simples, transbordante de sabedoria, ares de sertanejo, sem deixar de registrar seu viés político, consciente, de quem sabe orientar seus discípulos para além da teoria literária.

Mais recentemente, eu e outros orientandos, ex-orientandos e admiradores nos alegamos com a notícia da eleição do professor Humberto para a Academia norte-rio-grandense de Letras. Mais que uma eleição, a chegada do professor à Academia representa a culminância de toda uma vida dedicada às Letras e à cultura potiguar.

Por isso, em tempos de “somos todos”, vamos entoar um do bem. Útil, necessário, literário: Somos todos Humberto Hermenegildo, para sempre!

SOBRE SOMBRINHAS...

Gosto de observar o mundo da vida e, nessa prospecção cotidiana, ainda me surpreendo com certas prosopopeias inusitadas, que muito me ensinam...

Esses dias me deparei com uma sombrinha, nem status de guarda-chuva tinha (tampouco o almejava, certamente). Era uma sombrinha graciosa, de tecido vermelho de bolinhas brancas, toda alegre. Sim, alegre. As sombrinhas são alegres, flexíveis, femininas e cheias de personalidade.

Já reparou como essa espécie é personificada? Sombrinhas e guarda-chuvas dão-se ao direito de ficarem onde bem querem. Fazem-se esquecer em lugares tantos. Acho que, quando entram num ambiente, se gostam, resolvem ali fazer morada... outros, inadvertidamente, entregam-se literalmente ao sabor dos ventos e se curvam à delícia de se deixarem levar... algumas trabalham como bailarinas indispensáveis.

Mas eu dizia das travessuras das sombrinhas... Arteiras, elas. Pois uma veio morar aqui e eu precisei dela. Toda sedutora se abriu e não é que não queria de jeito nenhum ficar firme? Fez greve, ria do meu aperreio e continuava mimosa, no vestido vermelho de bolinhas brancas.

Sombrinha, eu, que aprendo com os passarinhos e amo igualmente os cães, digo-lhe: hoje você me deu uma lição de feminismo, elegância e subversão. Linda, quando crescer quero ser como você: livre, de posições claras e, quem sabe, me deixar levar por alguma boa tempestade!

CRÔNICA DOMINICAL SEM NENHUMA GRAÇA

Há tempos não viajavamos. As viagens são muito isso, viajosas. Sai-se de casa à espera de muitas coisas e nesse mundo arengueiro de agora, o medo de não voltar. Melhor, voltar em outro veículo, que voltar mesmo... todos havemos de.

Depois de uma visita ao chão salgado, eis que decidimos esticar a brincadeira de rico até o mar. Para o cartão postal fomos.

Crepe-churrasquinho-picolé-quanto é- três por cinco-tapioca-ginga-caldo de leite de coco ou industrializado-espreguiçadeira-promoção-mar-sol-sal-foto.

Pano cobrindo o corpo.

De repente, a ciência de que não era brincadeira de pai e filho, o volume esticado na areia coberto por um lençol. A última coisa que poderia cogitar. Não combina com praia... igualmente a blusa de bolinha com saia listrada, não “senta”.

E coisas e pessoas circulavam livremente, nada obstante o episódio morbifúnebre. Agora faz sentido o lugar-comum “vida que segue”: continuavam bolas, frescobol, casal brigando por ciúme, caldos, porqueirinhas de praia, mesa e cadeira por dez reais.

A maré avançava. As gingas com tapioca minguavam nos grandes depósitos plásticos que saíram dos subúrbios ainda na madrugada. O ITEP está em greve, vem agora não. O enchimento de boias seria a causa. O coração não deu conta.

Barrigas fartas, guloseimas até a glote, areia no corpo, cabeleira salgada, vamos embora? O volume inerte, obsequiosamente transportado. Lado a lado subíamos, à procura dos nossos transportes.

De manhã, ao sairmos, pensávamos muitas viagens. Dinheiro apurado do aluguel das boias, ele. Dia de lazer no mar, nós. E subíamos nós, ele e os funcionários da funerária. Carros estacionados paralelamente... Fomos cada um para o seu túmulo. Qual será a próxima viagem?

DE GRATIDÃO OU SOBRE MANOEL ONOFRE JR.

A gentileza tem muitos nomes e um deles é Manoel Onofre Jr.

A bajulação é flácida, não se porta com substância. A gratidão é firme, altiva, de pé. Diria que, se personificadas, a primeira seria uma senhora caquética, cheia de recalques e amarguras, manca e feia. A última, uma jovem senhora de andar endireitado, passos incisivos, cheia de frescor.

Promessas de fim de ano, faço muitas. Como não consigo emagrecer nem juntar dinheiro, resolvi almejar algo mais possível e nobre. A perda de um velho vizinho boêmio – por quem eu nutria um amor de avô – me motivou uma promessa de fim de ano: jamais deixaria de expressar gratidão por medo da velha mole e feia.

Neutralizada a velha, fico livre para expressar meu agradecimento sem parecer bajulação. Gratidão de graça, assim mesmo, redundante. Porque gratidão é mesmo superlativa, transbordante: um dos mais belos gestos-sentimentos.

E em se tratando de Manoel Onofre Jr., vem junto à admiração a sua exuberante simplicidade. A simplicidade de quem carrega um dos mais importantes títulos da carreira jurídica. De quem é imortal com assento na Academia norte-rio-grandense de Letras. No entanto, falo de alguém que sempre me tratou – uma professora anônima da rede pública – como se fosse uma figura de grande notoriedade social. Mais que isso, emprestou-me seu tempo e atenção em conversas fundamentais à escrita do meu projeto de ingresso ao doutorado e artigos diversos.

Chamo-lhe gentleman. Tenho-o assim. Gentil nas palavras e nos gestos; também o é nos silêncios. Eu seria capaz de passar muito tempo conversando com ele ou ouvindo-o falar de outros grandes, tais quais ele.

Esse não é um texto para sair em revistas ou jornais. É, digamos, um Hermes de papel, mensageiro que diz por mim: obrigada, muito obrigada, Manoel Onofre Jr. A gratidão tem uma irmã menos virtuosa: a audácia. Não é que ela me autorizou a nos considerarmos amigos? Já me refiro a você como tal. Não me censure. Dessa vez, livre a mim e a velha caquética. É agora culpa da gratidão.

Junto com a jovem senhora, muitos sentimentos nobres. Um grande abraço.

PROFESSOR DE PORTUGUÊS NÃO É DICIONÁRIO!

Como em muitos aspectos do mundo da vida, a licenciatura é também cercada de mitos e lugares-comuns. O primeiro deles é o título de “professora de português”, como se fosse possível ensinar o idioma materno a alguma pessoa – visto que o que se pode ensinar é uma variedade de prestígio social - mas essa é uma conversa para outro momento.

Para além do chavão “Português é difícil”, outro mito que se cultiva é a figura do Professor de Língua Portuguesa como dicionário ambulante. Aviso: não o somos, tampouco temos a intenção de sê-lo. Há milhares de verbetes no Dicionário, o que torna impossível o extraordinário feito de memorizá-los todos.

Falando nisso, lembro-me de um aluno que, numa determinada época em uma escola privada, me perguntava diariamente o significado de palavras. Assim como acontecia naquela época, continuo a 18 anos sendo inquirida sobre o que é “parcimônia”, “embuste”, “aquiescer”, “ilação”... Isso me faz pensar em como essa prática nasceu... Pensam nossos amigos que o curso de Letras é quadriênio de estática leitura/memorização de verbetes? Ou as imaginações engendram que existem as disciplinas “Dicionário I, II, III, IV”?

Um profissional licenciado em Letras é, antes de tudo, alguém de que estuda Linguística (descritiva, sócio, cognitiva, neuro, funcional, aplicada...); que faz do exercício da palavra e suas inesgotáveis possibilidades o seu material de “trabalho”; que crê no viés humanizador da Literatura e no Direito fundamental de a ela ter acesso...

Em tempos de sites de busca rápida, nada custa consultá-los a fim de descobrir as conotações e denotações dos vocábulos. Na falta de franquia de internet, os bons e velhos Dicionários impressos nos esperam de páginas abertas.

POEMAS

DE LUZES E VERSOS

Eu nunca aprendi a apagar as luzes
Quer dizer, na ordem que os comandos sugerem
Que apagar por fazer sumir a luz, isso qualquer pessoa faz
A questão é fazer a luz cessar na ordem
É fazer o comando, estar no comando
Que conduzir é algo de estranho e doloroso
Como esse poema, sem prumo e sem linguagem.

MATÉRIA

Porque de canto e gemido
De alegria e torpor
De luzes e penumbra
De êxtases – reais e imaginados
De listas de compras
De beijos e gritos
De sal e sal
De amor e amor
Disso é feito.

ESSÊNCIA

Eu tenho o gosto do sal e o cheiro da maresia

O sal, que tempera e conserva

Que agride, excita as glândulas do palato e as obriga a chorar

O sal que conota valores

Que deu nome à recompensa da labuta

A maresia que cheira mal aos estrangeiros da minha água

Que soa como perfume quando regressamos ao chão de sal de Gilberto

Desejo poesia carcomida e adornada

Esculpida pela maresia

Refinada como sal, que tempera a existência.

SAUDADE DO NADATUDO

Dizem que é melhor sentir saudade do que já se teve.

Penso o oposto: bom é sentir falta do que nunca se teve, posto que tendo tudo, não há faltas.

E nada se tendo – além da falta, que já é tanto – pode-se ter tudo:

Sobremesas que não foram degustadas

Cotonetes à vontade

Roupas adquiridas fora das “4 festas do ano”

Colos e mimos dela

Pai em festinha escolar

Afagos

Despojos

Excedentes

Tenho tudo e de tudo tive (muito pouco tendo)

Porque imaginação e sonho abundam no nada

Em que desejos habitam o possível

Minhas quimeras – muitas, inexprimíveis, prementes – preenchem o continente entornado das minhas ausências.

PEQUENA NARRATIVA NOTURNA

Para Daniel

CABELO

OLHOS

AMOR

ABRAÇO

BEIJOS

AMOR

CHEIRO

ORAÇÃO

AMOR

TE AMO

TANTO

MUITO

MEU AMOR

VERSOS CONTROVERSOS

Macau, terra controversa

Que vai de encontro aos versos

Quando estes lhe afloram do seu
chão salgado.

Contra o verso controverso...

Macau!

DEScrescendo

No campo

Eu chegava cedo, saía na hora
certa

Até havia amor

Na loja

Chego tarde, saio cedo

Vou me bestificando

Fui promovida a me sentir inferior.

ESPUMA AMARGA

Há dias em que me sobe um gosto de sabão à boca, parece que há uma máquina de lavar no estômago.

Mas quanto mais trabalha a máquina e rebate e revolve e espuma

Mais embaçado fica meu olhar. Ou o mundo. (!)(?)(...)

OBVIEDADE

Quanto mais calada estou, mais grito e histeria internamente. Paradoxo, não. Harmonia.

Publicar

Publicar

Publicar

Não vê que não combinam, público e ar?

A POESIA QUE NÃO É

Meu filho me relata a notícia com os olhos marejados. Não é poesia, mas dói. E isso (não) é tudo.

AGONIA OU DA NOTÍCIA OU HISTÓRIA DE 07/12

Preciso graficar. Implodir vou se não o fizer.

Versos, onde estão?

Palavras providenciais, por que fazem graça agora, brincando de esconder?

Arranjos que despertam “oh, que bonito”, que espécie de amigos são vocês?

Venham me permitir gritar!

Por que se eximem de me socorrer?

Poesia, se não me assiste agora, manda-me ao menos um poema...

PROPAGANDA ENGANOSA

Na loja de acolhimento, só encontrei
encolhimento

Comprei

Usei

Não me vestiu

Encolhi tanto que quase desapareci

Ninguém percebeu.

SONETO FAKE (OU A TINTA DA
GALHOFA, EMPRESTADA DE
MACHADO)

Como se faz um soneto

Quero mesmo saber

Esse é o meu intento

Esse é o meu querer

Como Gregório, uso expedientes

Na absoluta falta de talento

Rimando “dentes” com “pentes”

Não consigo, mas tento

Mesmo assim, vagabundo

Custou-me muito fazer

Trabalho e suor me deu

Soneto não é pra todo mundo

Mesmo esse falso, pode crer

Por não ser poesia, já encheu!

ENGANOS MÚTUOS

A literatura é uma toca

De onde me escondo para, covarde e
corajosamente,

Dizer o que quero a quem suponho
não entender nada.

Além de embuste, é bom.

DESCOBERTA

Longe da minha praia, encontrei o
mar.

BRINQUEDO

Palavra que, pela fonética, parece
fechada.

Contudo, fechada assim, é a chave
da brincadeira: com o brinquedo, abre-
se o brincAr...

OPTATIVAS

Que seja eu

Que seja a crise de idade emblemática

Que seja o torpor do pensamento político ideológico

Que seja o desencantar com as expectativas não correspondidas com o amor e a religião

Que sejam, antes, complexos

Impressões

Fantasias

Que seja tudo imaginação do meu eu remanejado

Quero ser culpada de tudo: assim prefiro

Todavia caso seja maldade humana

Sendo mesquinaria da espécie

Na vida perdi o crédito.

MEIA NA JANELA ou DESEJO DE UMA NATAL TÍPICO

Bastava um clima bom. Nada de feiuras e reclamações. Pequenezas, ranços, não haveria; ao menos nesse dia. Estariam de folga. Pois se até os supermercados dão uma trégua nessa época e fecham-se. Guardam os açoites, respeitam a ocasião, encastelam-se.

Mas é que as mesquinhas do convívio são insubordinadas. Nada respeitam, nem a tradição universal tampouco a meia pendurada.

DOZE

Os dezesembros são estranhos, têm cara de reset.

Depois das festas, depois da ceia, depois, depois... hoje é dia de ser do bem!

Nada se pode fazer em dezembro, a não ser o que jamais se foi.

ARTIGOS

A MÚSICA LINDA DE PEDRINHO MENDES

Michelle Paulista

Parnamirinense de nascimento e natalense de corpo, alma, canto e tudo o mais. Assim é possível começar a falar de Pedro Mendes. Em 1981, há quase 36 anos, ele compôs aquela que seria um dos símbolos de Natal, ao lado de “Serenata do pescador” de Othoniel Menezes.

“Linda Baby” é aquela canção que mesmo os mais desatentos são capazes de dizer “já ouvi, sim”. Não bastasse a letra constituir-se de uma escancarada declaração de amor a Natal, a música exala “potiguaridades”. Os acordes lembram o embalo gostoso das ondas: ao ouvir a linda “Linda Baby”, sinto-me entrando nas águas mornas do litoral, embalada pela maresia e o ninar das ondas. Difícil eleger o trecho mais emblemático da canção, mas se pudéssemos sintetizar a beleza da composição, bem poderia ser esse excerto:

“Linda terra para a mãe gentil
Belo cai o sol sobre esse rio
E esse rio também está perto daqui...”

Na canção-poema de Pedrinho, o mar é elevado à condição de deus, uma vez que nele habitam muitas vidas: as marinhas e as terrestres. Sim, o mar é casa dos peixes, baleias e o é também daqueles que se sentam diante dele, num fim de tarde, para apreciar a natureza, fazer poema ou uma oração. Mar e rio formam um tecido poético, cheio de cores e saís. “Linda baby” é esse apanhado de imagens, organizadas pela fina percepção artística de Pedrinho, que mobiliza cenários, num jogo sinestésico: cor, visão, sabor. Isso é Natal, palavras do poeta.

O rio que banha a cidade está perto de nós. É o coração da cidade, fonte onde beberam grandes nomes da cena literária do estado. Mas o rio também metaforiza a cartografia afetiva de um povo que vive do Potengi, tem-no como referencial (quem nunca ouviu falar da divisão “do lado de lá do rio – do lado de cá do rio”?)

“Curte-se aqui ao natural

A natureza espalha o nosso chão

Estou cantando a terra que é o meu viver

E acontece que eu estou cansado de dizer”

Há versos que se perdem no vagão do tempo. Entretanto, esses não poderiam ser mais atuais. Quase 36 anos depois de composta “Linda Baby”, Pedrinho continua fazendo jus ao gerúndio do quarto verso, estrofe acima: nunca parou de cantar Natal, sua terra, seu viver.

Pedrinho Mendes é mais que “Linda Baby”. Na verdade, coexistem. “Linda Baby” é Pedrinho. Pedrinho é “Linda Baby”. Linda é a música que habita em Pedrinho Mendes. Para mim, com profundo respeito aos demais artistas da terra, Pedro Mendes é hoje a maior representação musical da cidade de Natal.

Obrigada, Pedrinho Mendes, pelo seu canto, sua musicalidade, pelo balanço gostoso que emana da sua poesia musical.

Viva Pedrinho e viva sua lindíssima “Linda Baby”.

VERÍSSIMO DE MELO, UM MISSIVISTA

(Artigo publicado no portal Agorarn, em 10/11/16)

O traço mais notório da correspondência de Veríssimo de Melo talvez seja sua qualidade intelectual, bem como seu empenho em valorizar e registrar as manifestações folclóricas do Rio grande do Norte em suas cartas. Três aspectos, particularmente, nos saltam aos olhos, em se tratando de Veríssimo: sua atuação como folclorista e antropólogo (grande nome na criação do Instituto de Antropologia, hoje Museu Câmara Cascudo), a valorização da obra de Jorge Fernandes e a publicação (com comentários relevantes) das cartas de Mario de Andrade a Câmara Cascudo. Sobre este último aspecto, sabe-se que foi escolhido para a realização dessa investigação pela sua relevância no cenário literário, jornalístico e cultural do Rio Grande do Norte. Foi um pesquisador das tradições e da cultura popular do estado; intelectual que colecionou cargos importantes, tais quais a Secretaria da Academia Norte-rio-grandense de Letras e a presença no Conselho estadual de Cultura.

Veríssimo de Melo ou Vivi, como era tratado na intimidade, nasceu em Natal em 1921, ano anterior à Semana de Arte Moderna de 1922, pois. Não teria, em princípio, recebido influência direta do movimento modernista em sua produção literária. No entanto, revela traços da vertente modernista pelo fato de sua obra ter se ocupado relevantemente de aspectos etnográficos, com grande interesse nas questões antropológicas e folclóricas, que valorizariam as características locais, perceptíveis na nossa literatura.

Sobre as cartas de Veríssimo, é possível, por meio de uma leitura preliminar, destacar nos enredos aspectos voltados ao estudo das tradições populares, da pesquisa engajada dos aspectos folclóricos das terras potiguares, bem como as reverberações na escrita de tendências historiográficas.

Certamente, a obra com viés de pesquisa literária e etnográfica de Veríssimo vem muito de sua condição de missivista, uma vez que se relacionava com autores diversos por meio de cartas, tratando por meio delas dos mais distintos assuntos.

As cartas nos abrem portas e nos permitem conhecer os bastidores da política, os jogos de poder, indicações de cargos etc. Por elas, também é possível a qualquer um ensaiar o seu lado “psicólogo”, “leitor de perfis”, pois nos diálogos travados, é possível conhecer um pouco de cada indivíduo que se deixa “ler” nas laudas das correspondências, entre linhas e palavras, num tom informal: o das cartas.

Embora datadas, as cartas trazem em si algo de atemporal, característica peculiar do texto literário; isto, claro, se entendermos a leitura das cartas como um processo de percepção da realidade, envolvendo fatores emocionais, sensoriais e racionais.

O gênero carta permite enxergar um autor na sua instância mais pessoal. Entretanto, é fundamental atentar para o contexto de produção e as relações existentes entre os interlocutores. Em suma, fazer “bom uso” das cartas.

Ainda no que se refere às cartas, ao lê-las, percebe-se uma certa aura de suspense, ideia de expectativa: pode-se esperar dias pela chegada de uma carta, o que se opõe ao imediatismo das mensagens de correio eletrônico e das redes sociais da contemporaneidade.

Contudo, o tom pessoal das cartas e uma provável ineficácia de circulação (em comparação ao email, por exemplo) não são suficientes para tirar-lhes a representatividade que ostentam no que se refere à cultura de uma época, visto que a reflexão crítica não se abstém, necessariamente, da subjetividade, principalmente em se tratando de missivistas que têm relações aproximadas de amizade.

Cartas geralmente são impregnadas de teor pessoal, como já pontuamos, ainda que sejam produzidas para tratar de assuntos relativos a negócios, política ou cultura. Os interlocutores sempre mantêm uma relação amistosa e tal característica aparece evidente nas alusões a episódios vividos em comum ou mesmo a parentes (esposa, filhos).

Como já exposto, as cartas trazem uma fortuna de subjetividades diversas, expressas ora na disposição gráfica (manuscritas), ora no teor que apresentam – ainda que tratem de assuntos distintos dos pessoais.

AS CARTAS DE OSWALDO LAMARTINE

Não sem muita resistência do próprio Oswaldo, em 1995 Veríssimo de Melo reuniu em um livro as “Cartas e cartões de Oswaldo Lamartine”, publicação feita pela Fundação José Augusto. Nas palavras do próprio Veríssimo, Oswaldo teria sido o maior entre os escritores potiguares contemporâneos.

A resistência de Oswaldo em ter suas correspondências publicadas justifica a seguinte explicação por parte de Veríssimo: Estamos escrevendo para o futuro. Trata-se de contribuição nossa ao conhecimento da figura humana e do intelectual Oswaldo Lamartine de Faria – que ele queira quer não – será amanhã motivo de indagações, pesquisas e estudos.

De fato, muitos pesquisadores têm-se voltado para o estudo da correspondência de autores, em busca de vestígios culturais e literários que expliquem ou dialoguem com uma tradição que se reinventa, no presente.

O conjunto da correspondência de Oswaldo Lamartine é um tratado etnográfico do sertão potiguar, com vieses folclóricos e humanistas. Temas de interesse regionais, fauna, flora e tradições sertanejas; bom e refinado humor, estilo esmerado sem perder a simplicidade, composições e arranjos linguísticos: é diverso o conjunto de questões tratadas nas correspondências lamartinianas.

Por fim, alguns fragmentos da correspondência de Lamartine nas quais as temáticas supracitadas encontram exemplificação:

E que neste 1965/ Deus lhe guarde:/Da água, / E de ladeira acima – o fogo. / Do homem assinalado/ e da mulher do papo encarnado. / Do indivíduo caviloso/ e de baba de raivoso. / Dos sentimentos mesquinhos/ e de pote que não esfria. / E das três palavras de castigo: “Esteja preso!”/ “Eu vos declaro marido e mulher:” / “e Jesus vai contigo.” (30 de outubro de 1988).

OCASO DA ONÇA QUE DEU LITERATURA

Michelle Paulista*

O professor, pesquisador, folclorista e etnógrafo Veríssimo de Melo cultivava o hábito de corresponder-se com seus amigos ora para tratar de assuntos pessoais, ora para falar-lhes de poesia, política, literatura ou... amenidades. Tal correspondência constitui hoje um valioso acervo e fonte de pesquisa de indiscutível valor histórico e cultural, pois há nas missivas registros de importantes acontecimentos do panorama artístico-cultural do Rio Grande do Norte – quiçá do Nordeste.

Espalhadas entre amigos e familiares de amigos, as cartas de Veríssimo, além de acontecimentos relevantes, registram ainda “trivialidades”. Todavia, são as aparentes banalidades do cotidiano o combustível e a matéria prima para as crônicas mais interessantes, se é que podemos falar nesses termos módicos.

Silvio Rabello, em prefácio de um dos livros de Veríssimo, faz menção a um nome igualmente importante da cena literária potiguar: Nilo Pereira, escritor radicado em Recife, nascido em Ceará mirim, terra que nunca saiu de sua mente e coração. Para Rabello, Nilo parecia escrever “de pijama”, tamanha seria sua naturalidade com as letras. Em muito por seu espírito visionário, Veríssimo já vislumbrava a necessidade de deixar como legado aos pesquisadores futuros o acervo de cartas de que dispunha. A exemplo do que fez com sua correspondência com outros importantes nomes, reuniu algumas das mais significativas missivas trocadas com Nilo Pereira.

Mais uma vez, o intento do etnógrafo e folclorista, ao publicar parte de sua correspondência, era oferecer às futuras gerações um lugar de contribuição para futuros ensaios e análises interpretativas do fulgurante escritor e humanista norte-rio-grandense, nascido em Ceará- mirim. Nilo, O barão de Guaporé, “valia por uma Universidade”, nas palavras do escritor, acadêmico e ensaísta Manoel Onofre Jr. Em 1992, Veríssimo publica “Nilo Pereira – cartas de emoção e de humor”, pela Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, síntese de uma amizade de trinta anos, grafada em correspondências que, na opinião de Veríssimo, trouxe-lhe “maiores conhecimentos literários e culturais”.

Em uma das cartas publicadas no referido volume, há uma que chama à atenção pela intertextualidade que estabelece com o célebre romance Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis. No famoso romance realista, Brás Cubas, em delírio, acha-se “cavalgando” em um imenso hipopótamo, a ir em busca da origem dos séculos, sobre planícies de neve... “Ultimamente, restituído à forma humana, vi chegar um hipopótamo, que me arrebatou. Deixei-me ir, calado, não sei se por medo ou confiança; mas, dentro em pouco, a carreira de tal modo se tornou vertiginosa, que me atrevi a interrogá-lo, e com alguma arte lhe disse que a viagem me parecia sem destino. – Engana-se, replicou o animal, nós vamos à origem dos séculos”.

Não faremos considerações acerca dos aspectos filosóficos/estéticos/literários que permeiam o excerto machadiano; citamo-lo apenas como referência. Nosso deleite é o diálogo Nilo-Veríssimo. Com todos os perdões, o bruxo do Cosme Velho será matéria para outra prosa.

A onça

Certamente que o episódio que intitula este artigo é mais pitoresco e – ousamos dizer – verossímil. Não pela narrativa propriamente, posto que há contornos literários. Mas porque se desdobra de um acontecimento real: uma onça que fugiu de um circo em Ceará Mirim, nos idos de 1951. Sobre esse acontecimento, Nilo escreve uma carta, qualificada por Veríssimo como “deliciosa”. Eis um trecho:

“Fiquei imaginando um animal de proporções gigantescas – uma cachorra bíblica ou besta apocalíptica, sobre o vale, uivando de cólera. Os olhos chispam de rancor, as patas sussurram iras sobre os canaviais, a cauda espadana rancor como um látego dantesco. Depois desse delírio machadiano, o felino volta ao natural. E é neste momento que chegamos nós, os caravaneiros, para liquidar o monstro. A hora é crucial. Não pode haver um instante de indecisão. A onça olha-nos de sua toca, sinistra e hedionda. Alçamos a mira. E, ou fazemos fogo, rápidos e firmes, ou o animal, como um demônio alado, se precipita sobre os homens bons, que defendem o vale. Os tiros atingem o alvo. Um uivo de dor atroa os ares. E o vale todo se enche de um bafo morno de ira e vingança. A onça estende sobre o canavial o seu negrume derrotado”. (...) Basta de tanta imaginação, caro Veríssimo. Essa onça já arrancou muita literatura”. E encerra, sempre muito estilístico: “(...) aqui pingo o ponto final, com um fel no abraço do velho amigo da onça, Nilo”. (Carta de Nilo Pereira a Veríssimo de Melo, em 23 de março de 1951).

Homem de leitura que era, Nilo chegou a receber prêmio na Academia Brasileira de Letras (afora ele, somente o mestre Cascudo). Não se discute que lera com “independência” o clássico que conta a história de Brás Cubas. Numa aventura narrativa bem-sucedida, a meu ver, o barão tece um enredo mesclado de elementos místicos/religiosos com aspectos épicos, tendo os caravaneiros (nos quais se inclui) como vencedores. Final feliz! O que intentava Nilo? Metaforizar alguma peleja política? Ou materializar alguma aventura vivida ou sonhada durante a infância nos canaviais? Talvez simplesmente (?) a balbúrdia que se estabeleceu numa pacata e provinciana cidade do interior, ausente de expedientes, quando de um acontecimento tão inusitado. Se tentarmos responder, a graça desaparece. Fica a cargo do leitor.

É de muita felicidade, por fim, a descrição que Veríssimo faz da visão de Nilo, num belo tracejo semântico: “É que ele, apesar de ter sido operado de catarata, ainda vê melhor do que qualquer um de nós. Vê perscrutando. Mais por dentro que por fora”. Decerto, só os de visão de metades, visão privilegiada (veem simultaneamente dentro e fora), são capazes de delirar acordados.

ENTRE LANTERNAS E LIVROS

A minha história com as letras parece retirada de um livro de crônicas; tem ares de ficção, mas não o é. Nasci em Macau (RN), numa época de pouco incentivo à leitura, numa família em que a competência leitora de seus membros não era algo prioritário, embora minha avó materna fosse leitora voraz dos textos bíblicos.

Da Salinésia para o Olimpo

Minhas primeiras experiências de leitura remontam ao final da minha infância. Por volta dos oito ou nove anos, brincando na rua com outras crianças, uma das minhas colegas me mostrou uma ficha de leitura que fizera na Biblioteca Municipal Rui Barbosa. Era um cartãozinho verde no qual se registravam empréstimos de livros e o mais bacana era encher a fichinha de registros. Fiquei encantada com a possibilidade de acesso a tantos livros de histórias, assim tão disponíveis. A partir dessa abertura, li toda a coleção de Monteiro Lobato, do Sítio do Pica-Pau amarelo. Por conseguinte, me apaixonei pela Grécia, pois são inúmeras as referências à Mitologia grega nas aventuras de Emília, Pedrinho e Narizinho. Lembro-me, inclusive, de que numa grave crise econômica por que a Grécia atravessou em 2010, me sobreveio um misto de nostalgia e comoção: aquela não era, definitivamente, a “minha” Grécia. A Grécia das minhas primeiras leituras havia ficado nas estantes da Biblioteca pública em Macau.

Não sei bem se antes ou depois de ter sido apresentada à fichinha de empréstimos, passei a frequentar mais a casa da minha madrinha, interessada em livros. Maria do Rosário Bezerra Guerra mantinha uma estante repleta de livros, os quais deixava à minha disposição. Eu ia sempre lá e adorava o fato de ter passe livre para pegar quantos livros quisesse. Minha madrinha Rosário me contou, dia desses, que certa vez eu lhe pedi um livro de crônicas e não mais um livro de “histórias”. Não me lembrava desse pedido, tampouco do que o motivou. Mas imagino o quão surpreendente deve ter sido para ela.

Também foi nessa época que minha mãe começou a ficar apreensiva com a quantidade de livros que eu lia. Tratou de me proibir de fazê-lo, sob alegação de que ler muito faria “mal”: gastava a vista e poderia me deixar “maluca”. Facilmente, consegui burlar a proibição materna, pedindo a meu primo Davi que me comprasse uma lanterna. A parede que dividia a sala do meu quarto era uma cortina de pano; a lâmpada que iluminava os dois ambientes era uma só, de modo que era impossível ler até mais tarde sem provocar as admoestações da minha mãe. Por isso, a lanterna era providencial, artefato perfeito: permitia que eu transgredisse a proibição (infundada) da minha mãe e continuasse a frequentar a minha Grécia, lugar que costumo visitar ainda nesses tempos adultos e menos ousados.

E assim, a luz opaca da lanterna era iluminada pela luz da leitura literária. Lobato foi apenas um, talvez o primeiro. Houve outros autores em minha vida de leitora incipiente: Maurício de Sousa (e sua Turma da Mônica), Mort Walker (e o subversivo Recruta Zero), Eleanor H. Porter (sim, Pollyana!), Lewis Carrol, Pedro Bandeira, Stella Carr, Giselda Laporta Nicolelis, Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Ganymédes José... tantos... a lista é imensa e se perde no labirinto da memória.

Outro ator importante na minha formação literária foi Marcos Paulista, primo querido. Fã de Belchior, me apresentou “Paralelas”, “Alucinação”, igualmente “Tédio” e “No mundo da lua” do Biquíni Cavado – canções inesquecíveis. Digo sempre a Marquinhos o quanto lhe sou grata, pois não fosse ele, hoje eu seria fã de alguma banda de uma nota só, com ambiguidade e tudo. Junto com minha madrinha Rosário, são meus “Joaquim Queirós”, aludindo ao imprescindível “Por parte de Pai”, de Bartolomeu Campos de Queirós.

Orally profissional

Cursei o antigo 1º grau no Duque de Caxias e o 2º grau no colégio “do padre”, não sem muito sacrifício e empenho da família, nunca por sermos abastados. Como era comum entre os jovens da minha época em Macau, decidi vir para a capital a fim de cursar uma faculdade. Fui aprovada no vestibular para Letras na UFRN, habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas, sob um certo sentimento de desapontamento da família: eu seria, provavelmente, professora, ofício bem distante de proporcionar o mesmo status que teria se fosse médica ou advogada.

Sigo assim, sempre me assustando, me comovendo, me encantando com as letras. Lutar com as palavras é, como diz Chico Buarque, ir contra a corrente “até não poder resistir”. É um quê de guache, citando Drummond. Vou vivendo entre elas, numa militância pessoal, sonhando com um tempo em que Literatura seja tão presente na vida dos meus alunos como é na minha.

Minha atuação profissional hoje é dividida entre as aulas de Língua Portuguesa e Literatura em escolas públicas e a pesquisa do doutorado em Estudos da Linguagem pelo PPgGEL/UFRN. Ocasionalmente, presto assessoria de revisão textual e ministro oficinas de formação de professores. Sou entusiasta da produção literária potiguar e faço parte do NCCEN (Núcleo Câmara Cascudo de estudos noroeste-grandenses).

DE SALINAS E POESIA: UMA LEITURA DE “O NAVEGADOR E O SEXTANTE”, DE GILBERTO AVELINO

Michelle Paulista

Radicado em Macau e filho do também poeta Edinor Avelino, Gilberto fez das salinas o seu chão poético e a matéria principal da sua poesia. Lançada em 1980, a obra reúne quarenta e três (belos) poemas nos quais a temática principal é a terra que adotara como natal e suas salinas, maresia, lendas e águas coloridas a formarem-se pedras de sal. O poeta também homenageia, em seus versos, alguns nomes do cenário literário potiguar, tais como Jorge Fernandes, Veríssimo de Melo, Newton Navarro, dentre outros. Além de exaltar a sua cidade Macau, Avelino também milita em causas sociais, sempre com o olhar refinado de um poeta que cantou as tradições da sua terra, a beleza das mulheres, a denúncia social e as angústias pessoais. São publicações suas: Moinho de vento (1977), O navegador e o sextante (1980), Pontos cardeais (1982), Elegias do mar aceso em Lua (1984), O vento leste (1986), Além das salinas (1991) e As marés e as ilhas (1995).

Salinas, maresia, espumas de sal, barcos. Eis o conjunto de palavras-imagens que habita a poesia de Gilberto Avelino. Embora nascido em Assu, o poeta teve a cidade de Macau como seu berço, cidade com a qual estabeleceu um pacto incondicional de amor e fidelidade, refletido na sua poética. Bacharel em Direito por profissão e poeta por vocação, Avelino escrevia sobre sua terra como quem faz uma declaração de amor à mulher amada; Macau foi, para ele, mais que a cidade onde viveu sua infância e juventude: foi o chão que fez brotar seu talento de poeta, sensível a cada cheiro, cada vento, cada acontecimento da pequena cidade salineira.

Leitora de Literatura e estudiosa dela, “descobri” a produção literária potiguar um pouco tarde. Somente na Academia tive contato com autores potiguares e, mais tarde, na Pós-graduação, esse contato transformou-se em paixão e interesse profissional. Até então, apenas ouvia falar dos Avelino: Emídio, Edinor, Gilberto. Como qualquer macauense, esses eram nomes conhecidos, geralmente a nomear escolas e ruas. Gilberto Avelino, vi-o desfilar nas ruas salgadas de Macau, portando uma bengala, uns óculos de grossas lentes e um olhar de espanto e contemplação. Tive o privilégio de ouvir sua voz grave, cadenciada, como quem estava sempre a recitar versos, ainda que estivesse tão somente proferindo um “bom dia, como vai?”

Antonio Cândido (1995) afirma em O direito à literatura:

“Em princípio, só numa sociedade igualitária os produtos literários poderão circular sem barreiras, e neste domínio a situação é particularmente dramática em países como o Brasil [...]”. (CÂNDIDO, 1995, p. 177)

Comungamos dessa ideia, pois não é possível afirmar que os estudantes não apreciam ou não “alcançam” os possíveis sentidos presentes num texto literário, se este não chegar até eles. Transpondo essa perspectiva para as questões de literatura local, também consideramos relevante ler poesia produzida no Rio Grande do Norte com os alunos da Educação básica. Questão premente a se pensar.

Do contexto do curso da disciplina Literatura Comparada e Ensino da Literatura, no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da UFRN, nasceu o desejo de aperfeiçoar o ensino da literatura na educação básica e como professora de Língua Portuguesa da rede pública estadual, decidi incluir nas minhas aulas de Literatura produções literárias do Rio Grande de Norte; não como militância ou bairrismo, mas como a tarefa de oportunizar aos meus alunos o contato com textos literários de autores locais, muitos destes tão bons quanto aqueles que habitam o cânone presente nos livros didáticos. Outro aspecto que me motivou foi a possibilidade de fazer experimentos de leitura de autores nossos, dentre os quais, este que ora apresento: “O navegador e o sextante”, de Gilberto Avelino.

Começamos o trabalho fazendo algumas considerações sobre os aspectos que configuram um texto literário: a linguagem artística (figurada), a imprevisão ou não exatidão de sentidos, os arranjos de palavras que sugerem múltiplas possibilidades de leitura e a biografia do poeta Gilberto Avelino; consideramos o fato de ele ter (somente) nascido em Assu, mas suas raízes sempre estiveram em Macau, pois macauense era seu pai Edinor e foi na terra das salinas que nosso poeta viveu a infância e a juventude. Passada essa etapa inicial, fomos ao texto literário. Fizemos um recorte da já citada obra, elegendo os seguintes poemas: A paz das estâncias infinitas, Salina, Canto para Macau, Este canto, não, O meu canto. Devo dizer que a recepção foi das melhores: ofereça o que é “bom” ao ser humano e ele certamente será receptivo. O que tem qualidade e toca o coração jamais volta vazio.

Para finalizar, fiquemos com excertos do delicioso “Canto para Macau”, tradução emblemática da infância salgada:

CANTO PARA MACAU

Este é o sol que quero,
Incandescendo as águas
E as rosas de espumas,
Suspensas no ar, levemente.
(...)

Esta é a terra que amo.
De rio em preamar sereno,
Onde, entre ferrugens e sombras,
Descansam âncoras e navegam
Fantasmas de barcos cinzentos

Esta é a terra que amo.
De miragens, peixes e búzios,
De cheiro intenso de maresia,
De fosforescentes ostras, de corte
de navalha,

Enlaçadas no caule dos mangues
escuros.

De aves em brancos voos,
Eternizando os gestos
E os passos da infância.

Esta é a terra que amo.
De rio em preamar sereno,
Onde, entre ferrugens e sombras,
Descansam âncoras e navegam
fantasmas de barcos cinzentos.

Que a poesia de Gilberto
Avelino nos salgue, purificando-nos,
conservando-nos e dando mais sabor às
nossas vidas! Por ora, é o que temos.

